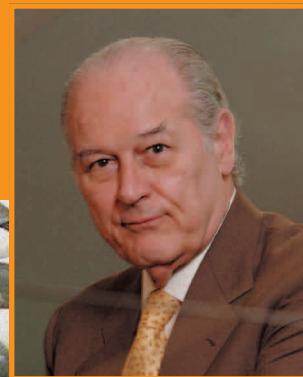


O SETOR ESTÁ OTIMISTA

O ano começou de forma positiva... Com reajuste nos preços entre 6% e 7%, redução da importação, valorização do câmbio, entre outros tópicos, o Instituto Nacional dos Distribuidores do Aço acredita em um crescimento do setor de aproximadamente 4% para 2014



Dr. Carlos Loureiro,
Presidente do Innda / Sindsider

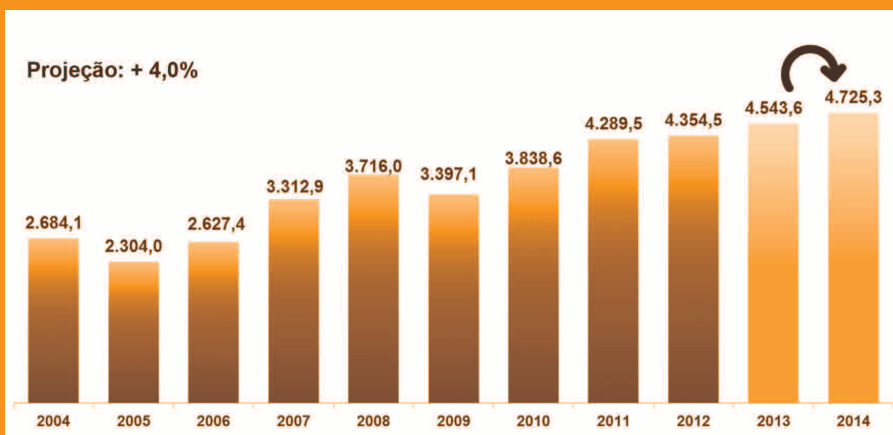


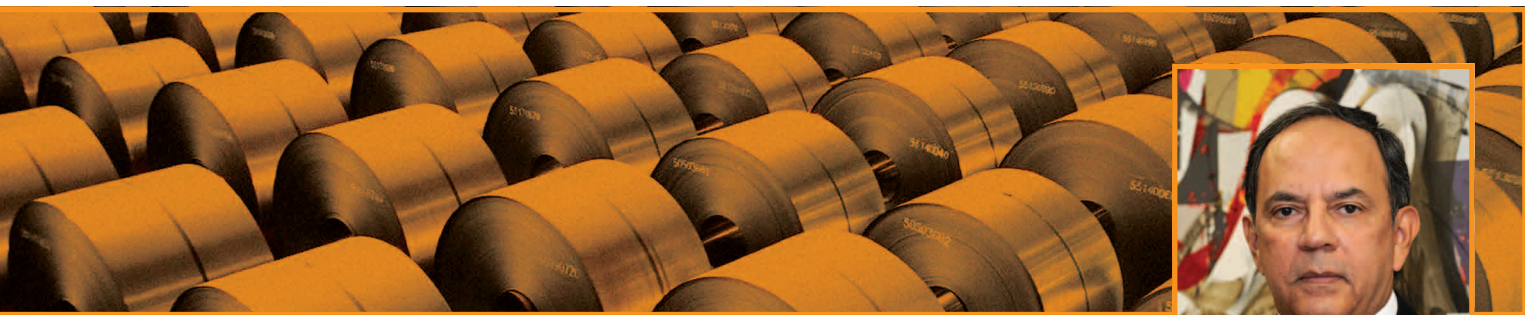
E lá se foi 2013... Ano em que as importações de produtos siderúrgicos alcançaram a margem de 1.617.214 toneladas – representando uma queda de 1,7% em relação a 2012. Sim, é pouco... Mas, o mais importante, é que recuaram e mantêm a tendência de queda em 2014.

Com isso, as vendas dos distribuidores de aço em 2013 aumentaram 4,3%, com 4.543,6 toneladas (representação de 36% nas vendas das usinas). Segundo o Presidente do INDA – Instituto Nacional dos Distribuidores do Aço –, Carlos Loureiro, esse desempenho foi estável e dentro do esperado (entre 3,7 a 4,5%).

Graficos de previsões de vendas do INDA

Cenário considerado	2013	2014
PIB (%)	2,5	2,2
Produção Industrial (%)	1,7	2,3
Consumo aparente de aço (%)	5,7	3,2





Marco Polo Mello Lopes
Presidente Executivo do Instituto Aço Brasil

“Para 2014, prevemos um crescimento de 4%, alcançando o patamar de 4.700 toneladas de aço no ano. Caso os investimentos em infraestruturas previstos forem concluídos, teremos uma margem maior”, completou Loureiro. Para ele, os segmentos consumidores de aço que deverão impulsionar as demandas do ano serão: bens de capital, construção civil, saneamento, óleo & gás.

Além disso, em janeiro, as usinas aplicaram um aumento nos preços, que varia de 6% a 7% – valor este que foi repassado pela rede de distribuição. Caso a taxa do câmbio permaneça no quadro atual (U\$ 2,36), este deverá ser o único reajuste do trimestre, uma vez que o preço internacional está estável. “Mas, se o dólar tiver outra valorização diante do Real, novas oportunidades para as usinas serão criadas”, concluiu Loureiro, que completou. “Quem dá o tom dos preços do mercado mundial é a China, que mantém sua produção a todo o vapor e é, hoje, o maior exportador”.

Com a valorização do dólar e o novo reajuste, a diferença nos preços entre o aço importado e o nacional (chamado de “prêmio”) está menor, variando entre 3% a 4% – o que conseqüentemente, desestimula os pedidos por produtos internacionais. Assim os empresários do setor podem ficar mais confiantes com 2014.

Os números do labr

Para 2014, Instituto Aço Brasil também está otimista e acredita que as vendas de produtos siderúrgicos no mercado interno deverão atingir 23,9 milhões de toneladas – alta provável de 4,4% em relação a 2013. O consumo aparente deverá alcançar o patamar de 27,5 milhões de toneladas –

crescimento de 3,2%.

A entidade também aposta na queda das importações, devido a desestocagem, o aumento das exportações face à suave recuperação do cenário internacional e incremento da produção de aço bruto.

A possível redução da produção de automóveis deverá ser compensada pela alta do consumo na construção civil. “Dentre todos os setores consumidores finais de aço, a construção civil sempre apresentou expansão em seu consumo aparente”, disse ele que, ao avaliar o desempenho do

setor em 2013, foi ainda mais longe. “As empresas produtoras de aço estiveram entre as mais afetadas pela crise econômica e vêm desenvolvendo intensos esforços para superação de suas dificuldades através de melhorias contínuas na produtividade. Do ponto de vista macroeconômico, o setor precisa de crescimento sustentado no mercado interno, correção das assimetrias competitivas e defesa comercial para voltar a concorrer frente a outros países”, falou Lopes.

De acordo com os números divulgados pelo labr, a produção de aço bruto

atingiu cerca de 34,5 milhões de toneladas este ano, praticamente o mesmo número de 2012. Já as exportações do aço brasileiro foram de 8,4 milhões de toneladas – queda de 14,8% frente ao ano passado (ainda reflexo do excesso de capacidade no mercado internacional e da perda de competitividade dos produtos nacionais devido ao elevado custo no Brasil). ⚡

Gráfico de fechamento das importações de aços planos

TOTAL		
DEZEMBRO		
2013	2012	Var. %
82.765	79.096	4,6%
JANEIRO A DEZEMBRO		
2013	2012	Var. %
1.617.214	1.645.600	-1,7%

Expediente

Diretoria Executiva

Presidente

Carlos Jorge Loureiro

Vice-presidente

José Eustáquio de Lima

Diretor administrativo e financeiro

Miguel Jorge Locatelli

Diretor para assuntos extraordinários

Carlos Henrique Rotella

Conselho Diretor

Alberto Piñeira Graña, Raphael Carmagnani,

Cláudio Sidnei Moura, Heuler de Alemida,

René Kahler Junior

Superintendente

Gilson Santos Bertozzo

Conselheiro Editorial

Oberdan Neves Oliveira

Revista Brasileira do Aço

11 2272-2121 revista@inda.org.br

Editora Isis Moretti (Mtb 36.471)

isis@liberdadeideias.com.br

Projeto gráfico, diagramação e editoração www.criatura.com.br

Impressão Pigma

Distribuição exclusiva para Associados ao Inda. Os artigos e opiniões publicados não refletem necessariamente a opinião da revista Brasileira do Aço e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Importação de Aços Planos

Em dezembro, a distribuição de aços planos associada registrou recuo de 11,4% nas vendas em relação ao mês anterior, passando de 391,7 mil toneladas para 346,9 mil toneladas – novo recorde histórico para o mês de dezembro. Sobre o mesmo período de 2012 (quando foram vendidas 312,5 mil toneladas), contabilizou alta de 11%.

O número de compras realizadas em dezembro também apresentou retração em comparação ao mês anterior, de 7%, totalizando 325,2 mil toneladas. Frente ao mesmo período de 2012, quando foram compradas 323,1 mil toneladas, teve alta de 0,6%. Já no acumulado de janeiro a dezembro de 2013, as vendas somaram 4.543,6 mil toneladas, o que representa uma elevação de 4,3% em comparação a igual período do ano anterior. As compras apresentaram um aumento de 8,2% ante 2012, com volume total de 4.650,7 mil toneladas.

As importações de aços planos, realizada pelo mercado brasileiro, encerraram dezembro com recuo de 19,4% comparado ao mês anterior, fechando em 82,7 mil toneladas. No acumulado do ano, as importações também sofreram queda: 1,7% perante a igual período de 2012.

Os estoques de dezembro registraram recuo de 2% em relação ao mês anterior, atingindo o volume de 1.051,2 mil toneladas. Mesmo assim, o giro dos estoques subiu para três meses.

Para janeiro, a expectativa é que compras e vendas possam apresentar elevação em torno de 10% e 15%, respectivamente.

Para 2014, projeta-se crescimento de 4% nas vendas, em relação ao ano anterior. 

DESEMPENHO DOS ASSOCIADOS

ESTOQUE¹ | DEZEMBRO

2013	2012	Var.%
1.051,2	944,1	11,3%

COMPRAS² | DEZEMBRO

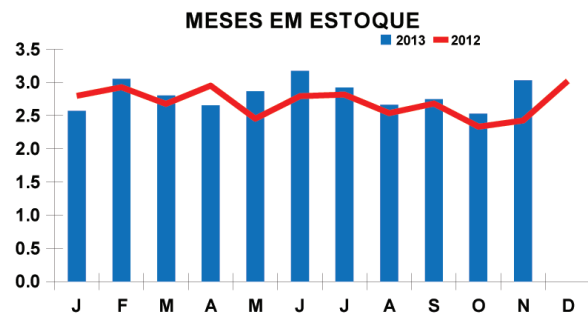
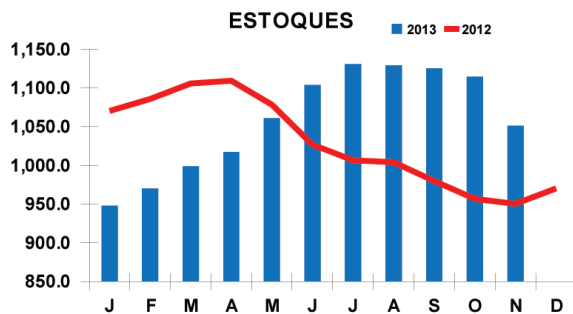
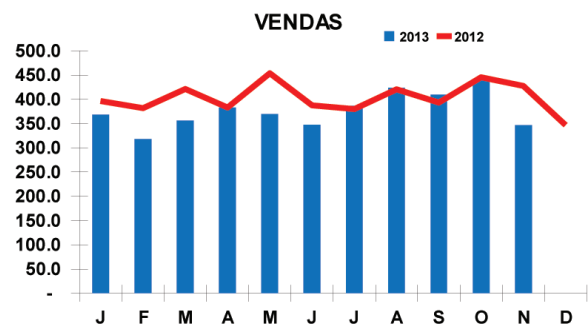
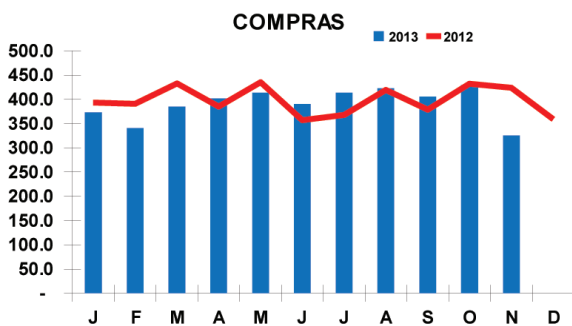
2013	2012	Var.%
325,2	323,1	0,6%

VENDAS³ | DEZEMBRO

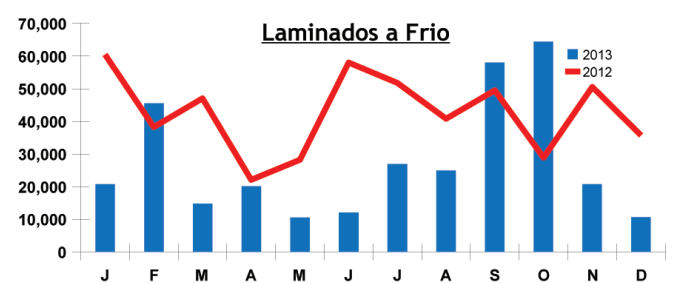
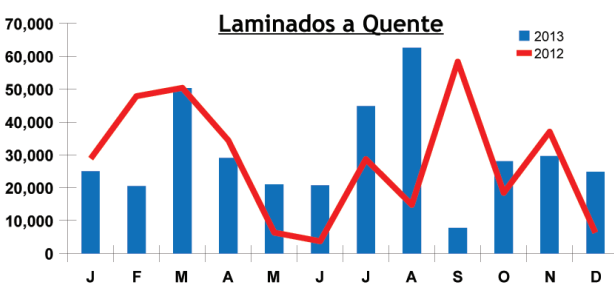
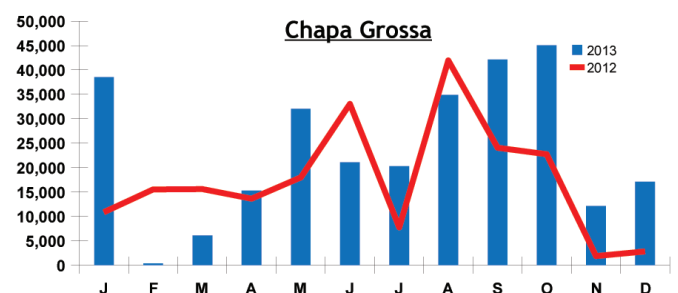
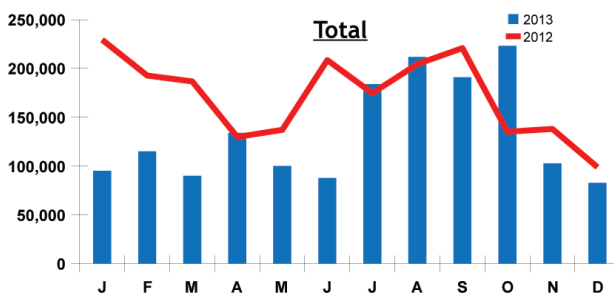
2013	2012	Var.%
346,9	312,5	11,0%

1 Incluem importações informadas pelos associados | 2 Incluem os embarques das usinas para outros setores via distribuição

Unid:1000 ton.



Importações de Aços Planos³



3 Produtos: LCG, BQ, BF, CZ, CPP, CAZ e EGV.

Não incluem aços especiais

O ano da virada

Temos pela frente pouco mais de 320 dias para conquistar bons resultados em 2014. O Governo garante que mudanças foram feitas e que elas já podem ser observadas. Para a indústria nacional este ano será um ano de produtividade e recuperação. Você concorda com isso?



De acordo com o Governo Federal, 2013 foi um ano de grandes desafios e superação das dificuldades trazidas pela crise internacional. Na avaliação do Ministro da Fazenda, Guido Mantega, os principais problemas foram vencidos, principalmente, com relação à recuperação do PIB – Produto Interno Bruto. Na projeção para o desempenho da indústria nacional em 2014, o ministro frisou que, com a melhora dos mercados internacionais e com o câmbio mais favorável, existe a perspectiva de crescimento da produção e de aumento nas exportações. “Além disso, a desoneração da folha de pagamentos e outras medidas tributárias aumentarão a produtividade da indústria, o que significa redução de custos. Isso permitirá um quadro melhor para este ano”, falou Mantega, lembrando que o Governo ainda precisa eliminar alguns gargalos para melhorar a competitividade da indústria brasileira, principalmente em infraestrutura. Para este ano, sinalizou que o Governo pretende fazer grandes investimentos em portos e ferrovias.

Sob o ponto de vista de um economista

Ainda neste contexto, a Revista Brasileira do Aço entrevistou o Diretor e Economista Chefe do Banco Bradesco, Octavio de Barros. Acompanhe e aproveite as informações:

Revista Brasileira do Aço - Depois dos números registrados em 2013 pela economia brasileira, quais são as suas expectativas para o mercado nacional em 2014?

Octavio de Barros - A economia brasileira estará associada a um pequeno grupo de países que crescerá menos em 2014 do que em 2013. Junto ao Brasil estarão possivelmente a China, o Japão e, a nossa vizinha, Argentina. O mundo estará bem melhor em termos de crescimento e de comércio, mas o Brasil será afetado por fatores eminentemente idiossincráticos. Os negócios manterão normalmente o curso porque as empresas têm uma visão bastante construtiva a despeito do incômodo com o problema de confiança na política econômica, especialmente, no mercado financeiro. A piora na precificação de risco traduz bem esse quadro. O tema fiscal

é o grande gerador de incertezas. Trabalhamos com 2,1% de crescimento, mas poderíamos ter superado este número se o tema da confiança estivesse mais bem endereçado.

Revista Brasileira do Aço - Como você espera que seja o comportamento da economia nacional para 2014? Podemos ficar otimistas?

Octavio de Barros - Acredito muito no ciclo de investimentos em logística no Brasil. Isso combinado com o início de um ciclo de *tradables*, (graças à mudança no padrão cambial) pode ter grande significado para a próxima década. Só o aumento de produtividade gera crescimento e enriquece os países. E os ganhos de produtividade continuarão sendo distribuídos mais a favor dos salários do que dos lucros, como em todos os países que se desenvolveram no pós-guerra. Todos os setores tendem a balizar seus investimentos olhando para o salto de infraestrutura que o Brasil terá nos próximos dez anos.

Depois de uma depreciação nominal de 25% em dois anos, acredito que a taxa de câmbio do Real começa a encontrar um novo patamar. Não vejo benefícios marginais macroeconômicos com novas ondas de depreciação. O déficit externo diminuirá e a conta Petróleo ficará menos deficitária. O impacto do câmbio nos preços foi bem significativo na medida em que acelerou a inflação de *tradables* em um contexto de forte resistência à baixa da inflação de *non tradables* (serviços). Não enxergo uma inflação em 2014 abaixo daquela observada em 2013, mesmo com uma taxa de juros nominal e real bastante elevada. Os preços administrados em 2014 seguirão com aumentos moderados, sugerindo alguma preocupação para 2015, sobretudo, no setor de combustíveis, transportes e energia elétrica.

Revista Brasileira do Aço - Como as grandes e médias empresas deverão se comportar no próximo ano?

Octavio de Barros - Os empresários já fizeram suas apostas. Sabem perfeitamente separar os temas de natureza política dos planos de médio e longo prazos. Cancelar investimentos é algo que não tem o menor cabimento no mundo empresarial. O que há é um reconhecimento de que a “*belle époque*” ficou para trás e o PIB potencial do mundo e do Brasil é mais



Octavio de Barros
Diretor e Economista Chefe
do Banco Bradesco

baixo. Os investimentos se calam nessa nova perspectiva. A economia brasileira tem escala e diversidade que raramente se encontra no mundo emergente. Claro que, alguns setores, diretamente afetados por decisões complexas, possam revisar seus planos, mas isso está longe de ser uma verdade para a maioria dos setores de atividade.

Do ponto de vista eleitoral, não vejo como isso afete decisões, porque a agenda nacional é conhecida de todos e não há como escapar dela. Só me permito dizer que o Brasil precisa ir além dos avanços meramente incrementais que temos observado nos últimos 20 anos.

Revista Brasileira do Aço – A Copa do Mundo e as Eleições incrementarão ou atrapalharão a economia neste ano?

Octavio de Barros – Acredito que estes dois eventos serão irrelevantes do ponto de vista da dinâmica da economia em 2014. Algum impacto sempre tem, mas não creio que mudem a direção dos acontecimentos. Os investimentos seguirão melhorando incrementalmente no setor de infraestrutura, que agora começa a oferecer condições mais atrativas nas concessões. O que falta é melhorar o ambiente de “equity” no Brasil, que ainda deixa a desejar.

Revista Brasileira do Aço – Indústria nacional. Qual a sua opinião sobre produção e consumo para 2014?

Octavio de Barros – Nunca gostei da história de esgotamento de modelo. Nada se esgota de uma hora para outra. O que existe é o reconhecimento óbvio de que a inclusão social marginal é decrescente. Não incluiremos outra leva de 50 milhões de pessoas no mercado de consumo na próxima década. É evidente que a agenda nacional é a da qualidade, da produtividade, da inovação e da eficiência.

Avançamos bastante na quantidade. Agora é a vez da qualidade em todos os planos. E isso vale para o setor público e privado. Os investimentos, principalmente em infraestrutura, precisam avançar mais rápido, pois o Brasil tem um déficit de edificações. Só aumentaremos a produtividade com o incremento do estoque de capital físico e humano.

E para a indústria, efetivamente...

O setor sucroenergético – importante consumidor de aço – viveu em 2013 um período bastante complicado, prin-

cipalmente para a indústria de base e serviços. Segundo o presidente da CEISE – Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroenergético e Biocombustível –, Antonio Eduardo Toniolo Filho, a carência de pedidos de novas plantas, a queda acentuada de investimentos nos últimos anos, ocasionaram a redução de pedidos de peças e serviços na manutenção de entressafra, associada à inadimplência de clientes. A situação financeira ficou precária (o segmento é formado por empresas produtoras de máquinas, equipamentos, bens de capital, insumos, serviços e tecnologias).

“Para 2014, projetamos uma evolução nos negócios, mas ainda teremos um período difícil, pois carregamos um histórico bastante complicado de recessão e que precisa ser recuperado. Acredito que a retomada acontecerá de forma gradativa, levando em conta que as estimativas de crescimentos da safra agrícola (canaviais), de demanda de açúcar e álcool, e a indicação de que a capacidade instalada das usinas está comprometida, apontam para isso. Contudo, a consolidação destas projeções está sujeita ao mercado, ao câmbio, a medidas públicas no condicionamento de planejamento e desenvolvimento da cadeia”, explicou Toniolo.

O CEISE não tem ainda um balanço de novos investimentos na indústria para 2014, mas assegura que são tímidos pela capacidade instalada da indústria de base do setor sucroenergético. A novidade é a construção da primeira usina de etanol de segunda geração, a nível comercial, prevista para entrar em atividade em meados de 2014, em Alagoas.

Construção civil - se o PIB do País se elevar em 2%, o PIB da construção civil deverá crescer 2,8 em 2014. Já o emprego formal no setor pode apresentar alta de 1,5%, enquanto a produção de materiais aumentará 3,6%, e a taxa de investimento ficará em 19,8% do PIB. Estas foram as projeções que o presidente do SindusCon-SP – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo –, Sérgio Watanabe anunciou em dezembro passado.

Linha branca - enquanto isso, os eletrodomésticos e eletrônicos sofreram uma queda de 3% nas vendas de 2013, mas que diante dos números de 2012 (aumento de 20%), o desempenho do ano passado não pode ser considerado ruim. O presidente da ELETROS – Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos –, Lourival Kiçula, não faz uma previsão para 2014, uma vez que os resultados dependerão do IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados – cobrado pelo Governo. A Eletros já pediu a extensão da redução do imposto para que as vendas e o setor não sejam afetados. ✍



Equiparação de ICMS para perfis estruturados

Por que os perfis estruturados têm alíquotas diferenciadas de ICMS para usinas e distribuidores do aço? É isso o que o Sindisider está discutindo junto aos Governos Estaduais



O Sindisider – Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos – representa cerca de 7 mil empresas distribuidoras e revendedoras de aço, portanto, uma de suas obrigações é defender os interesses do setor. Conectado ao que acontece no dia a dia dos associados, uma das ações que o Sindisider está engajado é na equiparação do ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – para perfis estruturais.

Atualmente, existe uma diferença na taxa de ICMS para os perfis estruturais produzidos pelas usinas (12%) e para aqueles que saem dos distribuidores (18%). Oras, se estamos falando do mesmo produto, com a mesma aplicabilidade, por que essa diferença tributária? “Tanto em São Paulo quanto em Minas Gerais, recebemos reclamações relacionadas à discrepância nos valores cobrados pelo ICMS. Por exemplo, quando o perfil vem da usina, as empresas pagam 12% do imposto, sendo que os demais perfis equivalem a 18%. Assim, ressalto que estamos atentos a todas as questões que signifiquem algum ganho de margem aos nossos representados; estamos preocupados em minimizar todos os gastos que as companhias têm com tributos, logística, pessoal etc, a fim de trazer melhorias no desem-



penho das mesmas. Isso colabora para a competitividade do nosso segmento”, explicou o superintendente do Sindisider, Gilson Santos Bertozzo.

Mas este trabalho não é recente

Há tempos que o Sindisider discorre sobre o pleito junto aos governos estaduais. Em Minas Gerais já foi conquistada a redução de 18% para 12%, e agora, é vez de São Paulo. O processo está em análise técnica na Secretaria de Desenvolvimento, e o próximo passo é obter o abatimento desta diferença, uma vez que a aplicação do produto é a mesma. “É inconstitucional ter alíquota diferente”, salientou Bertozzo.

É importante o Governo entender que ambos os perfis têm a mesma utilização, e não há justificativa para cobrança diferenciada na alíquota, que prejudica 5% das distribuidoras do Estado de São Paulo, que somam 2.900 empresas. ✍



Utilização dos perfis estruturados

Os perfis estruturados são colunas de aço de sustentação utilizadas em construção civil (vigas de aço). São aplicados em edifícios de andares múltiplos, shoppings, galpões e silos, edifícios comerciais, estádios e ginásios, construções industriais, pontes, viadutos e passarelas, metrô e estações rodoviárias, contenção e fundação.

Na indústria, os perfis estruturados estão presentes em balanças, pontes rolantes, máquinas agrícolas, chassis de veículos e suporte de máquinas. Ainda pode ser utilizado em plataformas marítimas e na indústria naval.

Estamos de olho



O Brasil importa o galvalume para suprir toda a demanda do mercado nacional, porém, o produto vindo do exterior está fora das regras de certificação e, conseqüentemente, é de baixa qualidade. Estamos atentos a isso, para evitar que a reputação do nosso aço seja manchada

O galvalume (produto em aço revestido de alumínio e zinco) é utilizado em larga escala e possui infinitas aplicações nos mais variados segmentos, sendo os mais comuns na fabricação de telhas e, eventualmente, calhas – é ideal para ambientes mais agressivos. No Brasil, a CSN produz o galvalume e recomenda-o em função da alta resistência à corrosão atmosférica, beleza estética, elevada refletividade ao calor, o que gera maior conforto térmico, resistência à oxidação em temperaturas elevadas. Segundo a marca, o CSN Galvalume é a evolução do aço galvanizado.

A produção da CSN é de 500 mil toneladas/mês, mas o mercado brasileiro consome aproximadamente 800 mil toneladas/mês. Isso significa que o País tem que importar o galvalume para suprir essa lacuna e a compra é feita com a China. Porém, a mercadoria precisa obedecer a uma certificação de revestimento adequada para a utilização no Brasil.

“Infelizmente, essa certificação não está sendo cumprida. Fizemos os testes no galvalume chinês, e constatamos que o nível de AVN (revestimento de alumínio e zinco), que deveria ser de 150, é inferior ao exigido, estando com AVN de 50”, apontou o superintendente do Sindisider – Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos –, Gilson Santos Bertozzo. O alerta é extremamente preocupante, pois não há fiscalização desses produtos por parte da Receita Federal, a fim de garantir que as normas sejam atendidas. “Até porque, deveria haver uma fiscalização laboratorial, algo um tanto impossível para o órgão público”, completou Bertozzo.

O superintendente ainda salientou que o produto deveria durar cinco anos ou mais, entretanto, não tem passado

de um ano. “É isso o que está acontecendo de dois anos pra cá, quando iniciaram as importações. Os problemas com durabilidade dos produtos têm surgido em grandes proporções e isso tem causado problemas para a imagem do aço brasileiro”, explicou ele que, através do Sindisider, criou um grupo de estudos para discutir essa questão e levar ao Inmetro – Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia – uma forma de instituir uma especificação técnica, onde fique absolutamente proibida a importação de produtos inadequados, sob pena e risco àquele que importar. “E ainda garantir ao consumidor que a qualidade do produto vendido é a mesma prometida e assegurada pelo fornecedor”, encerrou Bertozzo. ✂

Principais aplicações

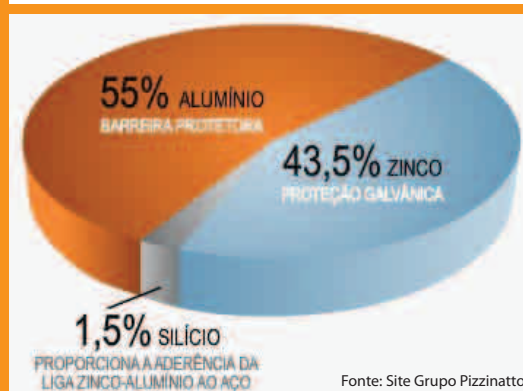
Na construção civil: melhor relação custo-benefício do que coberturas em alumínio ou materiais não-metálicos, aliando durabilidade, estética e conforto térmico.

Na agricultura: a elevada refletividade é ideal para a estocagem de grãos em galpões e silos, pois proporciona uma temperatura interior mais baixa, protegendo os grãos e sementes contra a deterioração, aumentando o rendimento e reduzindo significativamente os custos.

Na indústria automotiva: em defletores de calor, radiadores, buzinas, ônibus, escapamentos, entre outros.

Utilidades domésticas: utilizado no segmento de linha branca, em refrigeradores, fornos elétricos, micro-ondas, torradeiras e fogões que necessitam de materiais com elevada resistência à corrosão, refletividade térmica e resistência a altas temperaturas.

Principais características técnicas Galvalume/CSN



Largura da tira (mín / máx)	700 / 1.600 mm
Espessura da tira (mín / máx)	0,25 / 1,55 mm
Peso máximo de bobinas	25 t
Diâmetro interno de saída	508 ou 610 mm
Diâmetro externo de saída (mín / máx)	600 / 2.070 mm
Produtos	Galvanizado e Galvalume®
Peso de revestimento (mín/máx) - Zinco 55% Al-Zn	50/200 g/m²/face
Passivação	Cromatização / Resina acrílica

Em benefício de todos



Mais do que produtoras de aço... As gigantes do segmento também estão empenhadas em projetos sociais e ambientais, que privilegiam seus colaboradores e as regiões onde estão instaladas. É bom para a imagem da companhia, é bom para o funcionário, para a comunidade do entorno, e todos ganham com isso!

A Gerdau, por exemplo, desenvolve mais de 900 ações sociais nos 13 países onde atua. Para tanto, criou o Instituto Gerdau (responsável pelas políticas e diretrizes de responsabilidade social da empresa), que coordena planos voltados para a educação, mobilização solidária e qualidade em gestão (todos divididos em diferentes níveis de atuação).

“Para nós, o fortalecimento das comunidades é fundamental para o desenvolvimento sustentável das regiões próximas de nossas unidades e, conseqüentemente, para o crescimento dos negócios. Todos os programas desenvolvidos buscam reforçar conceitos de empreendedorismo e liderança, nos quais os participantes levem melhorias econômicas e sustentáveis às áreas em que estão inseridos”, falou o diretor do Instituto Gerdau, José Paulo Soares Martins, que completou. “Essa conduta de seriedade e de comprometimento com a sociedade gera valores aos colaboradores, clientes, acionistas e fornecedores da Gerdau, reafirmado o nosso respeito e responsabilidade com as gerações futuras”.

Na mesma linha de raciocínio está a ArcelorMittal, que possui a Fundação ArcelorMittal Brasil. No total, são coordenados 47 projetos sociais – 16 são próprios, focados em educação, saúde, cultura, esporte e promoção social. É responsável pela gestão do investimento cultural da organização, patrocinando aproximadamente 40 projetos culturais por ano. A empresa incentiva os empregados à prática do voluntariado, seguindo o conceito de que cada um pode dar a sua contribuição pessoal para transformar o amanhã, proporcionando melhores condições de vida às comunidades e pessoas menos favorecidas.

Segundo a ArcelorMittal, os programas sociais são importantes para gerar diálogo com a comunidade, contribuir para o seu progresso e estreitar o relacionamento. Existe um compromisso com as cidades onde atua, não só do ponto de vista legal (no que se refere ao pagamento de impostos, geração de empregos e cumprimento à lei), mas no reforço a

política pública, que se traduz em benefícios reais e necessários a população.

A CSN também está engajada neste tipo de trabalho. Só em 2012, a Fundação CSN investiu R\$ 13 milhões nas áreas de educação e cultura. As atividades são desenvolvidas por instituições externas, com parcerias do poder público. A CSN mantém três projetos: Hotel Escola Bela Vista, Escola Técnica Pandiá Calógeras e o Centro de Educação Tecnológica. Todos oferecem capacitação profissional, em diferentes disciplinas, para jovens de baixa renda que são selecionadas através de uma prova e análise socioeconômica. A CSN patrocina e desenvolve outros projetos, incluindo ações de meio ambiente.

Consciente de sua relevância econômica, a Usiminas acredita que os resultados devem ser sancionados pela sociedade, traduzindo-se em valor para as comunidades onde se faz presente. Assim, a companhia empreende e apoia diversas ações de caráter social, cultural e esportivo, sendo alguns exemplos: Fundação São Francisco Xavier, Instituto Cultural Usiminas, Campanhas de Solidariedade, Projeto Mantiqueira, Usiminas na Escola, destinando também recursos (por meio de dedução de impostos), ao FIA – Fundo da Infância e Adolescência –, beneficiando cerca de 50 mil crianças. E na questão ambiental mantém o Projeto Xerimbabo Usiminas, Programa Áreas Verdes, Projeto Mata Ciliar, Mel Usiminas e Agenda 21. ♪

